



O futuro Museu de História Natural de Sintra (Coleção Miguel Barbosa), na divulgação e ensino das Geociências

José M. Brandão

Câmara Municipal de Sintra / C.E.H.F.C., Universidade de Évora

*VII Congresso Nacional de Geologia.
Livro de resumos, Vol. III pp. 821-824. Universidade de Évora, 2006*



O futuro Museu de História Natural de Sintra (Colecção Miguel Barbosa), na divulgação e ensino das Geociências

The Sintra's future Natural History Museum (Miguel Barbosas's Collection), and the interpretation and teaching of Earth Sciences

José M. Brandão

Câmara Municipal de Sintra / C.E.H.F.C., Universidade de Évora

jm.brandao@netvisao.pt

SUMÁRIO

O Museu municipal de História Natural de Sintra, em curso de instalação, tem por base as colecções de fósseis e minerais reunidas pelo pintor e escritor Miguel Barbosa e esposa. Tendo em consideração as características deste acervo e o previsível universo de utentes, tem vindo a ser esboçado um programa cultural e científico essencialmente dirigido para a divulgação e o ensino (informal) das Ciências da Terra.

Palavras-chave: Sintra; Museu de História Natural; educação; divulgação; Geociências

SUMMARY

The future Sintra's Natural History Museum is founded over the former collections assembled by the painter and writer Miguel Barbosa and his wife. Considering the characteristics of this collection and the profile of the predictable public, is in elaboration a museum cultural program, focused on divulgation and education on Earth Sciences.

Key-words: Sintra; Natural History Museum; education; divulgation; Earth Sciences

...As colecções de História Natural constituem um recurso mundial insubstituível, de elevado valor científico e cultural, usado em benefício da sociedade para conhecimento científico da Natureza e sua preservação, educação, identidade cultural e recreação pública...¹.

Introdução

Ao longo de mais de cinquenta anos de apaixonada actividade colecionista, o pintor e escritor Miguel Barbosa e a esposa, D. Fernanda Barbosa, reuniram em sua casa um vasto acervo geológico constituído por milhares de fósseis, minerais e rochas, a que juntaram algumas conchas e animais naturalizados, alimentando a esperança de um dia virem a constituir um museu com estes materiais [2]. A ideia foi acarinhada, meados dos anos '80, pela Câmara Municipal de Sintra que adquiriu as colecções, a que mais tarde o casal, veio a juntar outras peças, ao abrigo do quadro legal de mecenato cultural.

Após diversos avanços e recuos, a edilidade pôs recentemente em andamento o projecto de criação e instalação do *Museu de História Natural de Sintra*, equipamento que virá sem dúvida colocar a Vila no roteiro dos lugares de divulgação da cultura (geo)científica em Portugal.

Alicerçado na "Colecção Miguel Barbosa", o novo museu, cuja abertura se espera para breve, terá como principal pilar da sua missão o *entretenimento e educação de crianças e adultos em História Natural*, visando constituir-se num recurso didáctico-cultural de impacto local e regional [3].

Caracterização e instalação da colecção

A colecção, que reúne pouco mais de 9 000 exemplares e lotes, é sobretudo constituída por fósseis, representando os minerais cerca de 10% do total de exemplares (fig. 1). As rochas apresentam uma diversidade muito pequena, estando praticamente limitadas à litologia dos locais de proveniência dos fósseis e a um ou outro tipo magmático regional, colhido com intuítos didácticos.

¹ In: "Acordo internacional sobre o valor das colecções de História Natural", Manchester, 1995 [1].

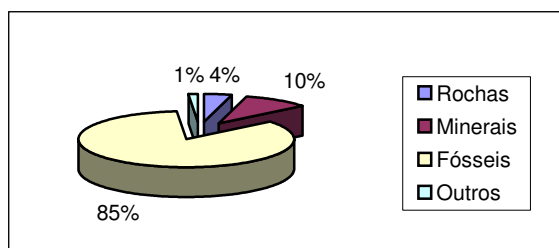


Fig. 1: Repartição da “Colecção Miguel Barbosa” nos diversos segmentos que a constituem.

O inventário expedito da colecção realizado entre 2000 e 2005 permitiu-nos avaliar o seu potencial, enquanto suporte de uma exposição de longa duração e “núcleo de base” do futuro museu. Confirmámos assim a ideia de que a colecção, no seu todo, apresenta um significativo valor cultural e mesmo científico, podendo garantir, plenamente, o desenvolvimento das três grandes linhas de acção museológica: *produção, reprodução e apresentação* da ciência.

Dessa avaliação destacamos dois aspectos que nos pareceram estruturantes e que, consequentemente, condicionarão a presente, e futura, manipulação da colecção com finalidades de educação, divulgação e lazer:

- O seu marcado cariz universal, traduzido por uma ampla repartição temporal e geográfica dos exemplares que a constituem,
- O cunho pessoal do coleccionador, reflectido na maior ou menor presença dos vários grupos de espécimes².

Nos fósseis – a grande paixão do coleccionador –, pode dizer-se que estão presentes os principais grupos paleontológicos, representando praticamente todas as sucessivas divisões do calendário geológico entre o final do Precâmbrico e o Plistocénico [4].

A maioria destas peças resultou das inúmeras colheitas dos coleccionadores em diversos pontos do país, particularmente nas formações mesozóicas e cenozóicas da Orla Ocidental e da Bacia do Tejo. Porém, o mais significativo núcleo da colecção, com peças de grande qualidade, ou até de alguma raridade, foi adquirido por compra e por permuta, em Portugal e no estrangeiro, no decurso das sucessivas deslocações do casal, em recreio ou para participação em certames artísticos, processo pelo qual foram, também, adquiridos quase todos os minerais [2] [4].

Embora o número de espécies minerais presentes seja relativamente reduzido quando comparado com o respectivo total de amostras (fig. 2), devem destacar-se, no conjunto, a pequena colecção de

² Embora esta característica possa ser considerada como uma fragilidade da colecção se encarada, apenas, de um ponto de vista estritamente científico, não nos parece constituir óbice à sua utilização didáctica podendo mesmo potenciar a sua importância enquanto testemunho do coleccionismo científico amador.

gemas, muitas delas lapidadas, os cristais da mina da Panasqueira, um conjunto representativo da respectiva paragénese, e diversos cristais e massas de formas e cores variadas (critérios que terão pontificado na escolha) representando algumas das principais classes mineralógicas.

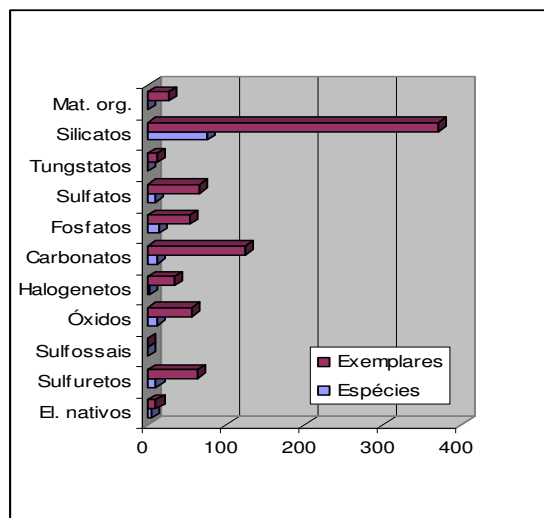


Fig. 2: Repartição da colecção de minerais (cerca de 800 exemplares) pelos principais grupos sistemáticos.

Programa cultural: enquadramento conceptual e estratégias de interacção com o público

Nas últimas décadas, os museus de História Natural têm sofrido uma mudança de rumo traduzida pela deslocação do seu centro de gravidade da investigação (actualmente mais centrada nas universidades) para a comunicação, assumindo-se, gradualmente, como lugares de aprendizagem e sociabilização, sem espaço para elites. Esta mudança de paradigma obrigou, por um lado, a procurar novos modos de apresentação e estratégias de comunicação e, por outro, a estudar e compreender o público, tradicionalmente entendido como *uma massa homogénea e anónima* [5]. Em consequência, os responsáveis pela programação museológica têm hoje bem presente a noção da diversidade cultural e social dos seus públicos bem como as suas aspirações e expectativas. Assim, procuram adaptar os seus produtos aos diversos grupos de visitantes e utentes, sob pena de que se o não fizerem, se distanciarão cada vez mais deles, convertendo-se em «fósseis sociais», como lhe chama J. L. Porfírio (cit. por Faria, *idem*), *sem outra função que não a da sobrevivência a si próprios* [5]. Todavia, a “acção pedagógica” dos museus está ainda muito confinada ao trabalho com os grupos escolares, embora seja já nítida, na área da divulgação das ciências, uma preocupação com o (novo) conceito de *educação ao longo da vida*.

Poderia acrescentar-se ainda que além da responsabilidade que cabe, actualmente, aos museus de História Natural no que respeita ao conhecimento e preservação do património natural, acresce ainda

outra, decorrente da constatação de diversos autores, como por exemplo C. Montenat [6] e A. Bergeron [7], de que ainda há um desconhecimento generalizado do vasto campo de acção e ramos das Geociências³ e que estas não têm uma imagem pública de tão grande impacto como outros domínios do conhecimento científico mais mediatizados (ou mediáticos?)⁴. É, por isso, necessário que os museus encontrem caminhos adequados para que os «calhaus» se tornem tão atractivos como os animais naturalizados como refere S. Beckary [8], sem perder de vista, como sublinha muito bem D. Erwin [9], que os museus geológicos (*s.l.*), proporcionam uma excelente oportunidade para *inserir a história da Terra e da Vida na cultura geral*, sabendo-se que eles são, em muitos casos, o primeiro – e porventura único? – contacto de muitos públicos com estes materiais.

É pois, neste quadro conceptual (e de desafios...), que se tem vindo a elaborar o programa cultural do futuro MHNS, o qual, tendo em consideração as características da colecção de base, deverá assumir-se, pelo menos até plena consolidação do projecto, como um museu essencialmente dedicado à divulgação e educação em Geociências⁵.

A prossecução deste objectivo passará não apenas pela instalação de uma exposição de longa duração, mas também pelo recurso a estratégias e actividades diversificadas no domínio da interacção com os públicos, de que se destacam [3]:

No domínio das exposições:

- Uma política de eventos temporários centrada no acervo e coerente com a temática do museu.

No domínio das actividades “pedagógicas”⁶:

- *Workshops* e/ou ciclos de palestras dirigidos a grupos com interesses determinados,
- Visitas de campo, no âmbito do conhecimento e preservação do património geológico local e regional,
- Oficinas lúdicas.

No domínio da animação e comunicação

- Mediação e animação das exposições visando a criação de um espaço abrangente e inclusivo,
- Uma política de edição focada nas exposições e nos vários segmentos da colecção.

³ As reflexões sobre esta questão, conduzem sobretudo a duas ordens de razões principais: a desadequação dos currículos escolares, muitas vezes leccionados por agentes sem preparação específica para esta temática, e o baixo número de equipamentos e exposições de temática geológica, no fundo, espaços imprescindíveis de ensino (informal) e divulgação das Ciências da Terra.

⁴ Exceptuem-se, obviamente, temas como os vulcões, os sismos, os homínídeos e os “animais pré-históricos”, geradores de *blockbusters* de impacto internacional.

⁵ Os animais naturalizados serão apresentados em exposições temporárias e usados nas oficinas pedagógicas.

⁶ Actividades autónomas ou integradas em programas colectivos como por exemplo o da “Geologia no Verão”.

A exposição de longa duração

Os pequenos museus, como é o caso do futuro museu de Sintra, pelo facto de se posicionarem em contextos geográficos e sociais muito específicos, têm maior responsabilidade na leitura e interpretação do património local e regional. Porém, o percurso histórico e as características intrínsecas da colecção âncora do projecto, designadamente no que respeita ao facto desta ser constituída por muitas peças geográfica e estratigraficamente distanciadas desta região, foram determinantes na orientação dada ao roteiro, que contempla a instalação de dois núcleos, um primeiro onde se apresentam os fósseis coleccionados por Miguel Barbosa, materializando um discurso em torno da história da Vida na Terra pautado pela (paleo)diversidade, cronologia e evolução e, um segundo dedicado aos minerais, que constituirão uma espécie de “pequeno tesouro” em homenagem à colecionadora, apresentados com base nas propriedades físicas de mais fácil observação.

As peças seleccionadas, parte integrante do discurso expositivo, são apresentadas *enquanto objectos científicos* sem, porém, serem privadas das suas características estéticas ou mesmo de raridade (seguindo a lógica generalizada de apresentação das colecções geológicas constatada por A. Bergeron [10]). Sempre que possível, tentará tirar-se partido dessas características no sentido de criar focos de atenção que funcionem como pontes entre a ciência e o lúdico constituindo-se em pólos de motivação e atracção da visita⁷. Desempenhando um papel de intermediárias entre os visitantes e os mundos afastados no tempo e no espaço em que viveram os organismos que representam, as peças verão o seu valor material e informativo acrescido pela encenação museográfica e pelos elementos de interpretação fornecidos na apresentação, decorrentes da investigação científica, constituindo-se assim, em *semióforos*, (v. G. Pinna [11]).

Adjudicado por concurso público a uma empresa de arquitectura e *design*, o programa museográfico aposta numa encenação simples, apelativa e inovadora, ajustada ao esquema conceptual do roteiro, permitindo a criação do que autores como P. Mason chamam uma *metáfora de representação* [12], permitindo, de forma subtil, a introdução de conceitos básicos no âmbito da estratificação, da tafonomia e estabelecimento das paleocomunidades. O conceito geral apresentado em Maio de 2005 pela empresa vencedora, contempla um modelo onde se tenta estreitar a relação dos visitantes com as peças, reduzindo o número de barreiras físicas e apostando em programas de multimédia com informação de apoio e interpretação da exposição.

⁷ Refiram-se, por exemplo, os restos e esqueletos de dinossauros e os mamíferos paleogénicos e neogénicos.

Oportunidades (ou possíveis vectores de sucesso) do projecto museológico

Como em todos os projectos, também neste se podem listar diversas oportunidades e factores de constrangimento. Destacamos aqui, apenas, os que nos parecem ser, em potência, os mais importantes vectores de sucesso, que expressam, também, em parte, a responsabilidade social da nova estrutura museológica:

No domínio dos públicos:

- O concelho de Sintra é, actualmente, o segundo mais populoso do país, com uma população residente de 363 740 indivíduos⁸, número que pode duplicar até 2016 pelo crescimento do *corredor urbano* Queluz – Portela de Sintra onde se concentra, actualmente, mais de 80% da população⁹. A população residente a frequentar os diversos níveis de ensino é, também, bastante elevada (77 122 indivíduos)⁸.
- Pela sua riqueza paisagística e arquitectónica que lhe valeram a integração nas listas da UNESCO com o estatuto de Paisagem Cultural, Sintra é, actualmente, um dos locais mais procurados do País, por cidadãos nacionais e estrangeiros. O turismo nacional e internacional constituiu-se numa das suas principais actividades.

No domínio do património natural:

- Parte do território do município está classificada com diversos estatutos pelos seus valores ambientais e patrimoniais, possuindo ainda monumentos naturais geológicos classificados e um grande número de lugares de interesse patrimonial natural.

No domínio da oferta cultural:

- Os tópicos de Geociências estão actualmente nos diversos *curricula*, do ensino básico e secundário. Em poucos casos, porém, as escolas dispõem de recursos adequados a uma aprendizagem motivadora do conhecimento geológico, condições que o museu poderá oferecer, com base nas suas colecções.
- Embora seja consensualmente reconhecido o potencial educativo das colecções de História Natural, Portugal é carente em estruturas museológicas dedicadas a esta área do conhecimento. Nem mesmo os escassos museus criados pelo poder local que incluam nos seus programas tópicos nesta área do conhecimento chegam para colmatar a enorme assimetria da sua distribuição geográfica, ainda mais acentuada no que se refere, em particular, às Geociências [16].

Concluindo

É nossa profunda convicção que a criação e instalação do Museu de História Natural de Sintra, estrutura à partida já investida de uma grande responsabilidade social, marcará decididamente, não só a actividade da actual rede de museus municipais, mas também – pela experiência da sua exposição de longa duração –, o diálogo sobre a Museologia das Ciências da Terra e o seu potencial como vector de educação para os valores e a (eco)cidadania.

Porém, o cumprimento da *função social* do museu, não poderá apoiar-se, apenas, na existência de uma “boa” colecção de base, mas, assentar, sobretudo, naquilo que o museu irá fazer com ela. No nosso entender, isto passa não só pela criatividade e inovação na *representação e apresentação* das geociências (a temática inicial do museu), mas também, como diz G. Pinna na sua interpretação do papel dos museus de História Natural, pela procura de *uma identidade e cultura próprias, que o tornem diferente de todos os outros* [13]. Acreditamos que nesta via, entrosada nos parceiros sociais e culturais locais e regionais, se poderá aspirar já, de forma ambiciosa, a uma visibilidade supra-regional.

Referências Bibliográficas

- [1] Acordo Internacional sobre o Valor das colecções de História Natural. Trad. Port. J.M.Brandão. Cadernos de Sociomuseologia 5, pp. 171-175. ULHT. Lisboa, 1996.
- [2] Brandão, J.M. (2005) – Colecção Barbosa. Reflexos da busca das maravilhas de antanho. *Vária Escrita*, v. 12 pp. 263-278. Câmara Municipal de Sintra.
- [3] Brandão, J.M. [Coord.] (2005) – Museu de História Natural de Sintra: Programa Museológico. Doc. interno não publicado. CMS/DMUS, 16 p.
- [4] Brandão, J.M. (2006) – Catalogação e caracterização da colecção de fósseis “Miguel Barbosa”. Com. ao VII Congresso Nacional de Geologia. Univ. Évora, Estremoz.
- [5] Faria, M. L. (2000) – Educação – Museus – Educação. www.dgcidc.min-edu.pt/inovbasic/proj/arte/museus-educacao.pdf
- [6] Montecat, C. (1994) – Vulgarisation, chercheurs et grand public. *Géologues* 102, pp. 19-21. Paris.
- [7] Bergeron, A. (1994) – Exposer la Terre, une mission impossible. *Géologues* 102, pp. 47-48. Paris.
- [8] Beckary, S. (1994) – Mille métiers et une seule passion : la Géologie. *Géologues* 102, pp. 49-50. Paris.
- [9] Erwin, D. (1997) – Paleontology in Museums and Institutes in the 21st Century. In: *Paleontology in the 21st Century*. Senckenberg International Conference. www.nhm.ac.uk/hosted_sites/paleonet/paleo21/r/me.html
- [10] Bergeron, A. (1994) - Les collections de Géologie des museums, une chance pour les sciences de la Terre. *La Lettre de l’OCIM*, 36 pp. 16-19. Dijon.
- [11] Pinna, G. (1999) – Sur le rôle social des musées d’histoire naturelle. *Cahiers d’étude*, n° 7, pp. 22-24. ICOM, Paris.
- [12] Mason, P. (1994) - From presentation to representation. *Journal of the History of Collections*, vol. 6 (1), pp. 1-20. Oxford University Press.
- [13] Brandão, J.M. *et al.* (2002) – A acessibilidade das colecções geológicas portuguesas. *Actas Cong Int. sobre Património Geológico e Mineiro*, pp. 127-140. IGM, Lisboa.

⁸Fonte: Instituto Nacional de Estatística, Censos de 2001.

⁹“Plano Estratégico Municipal”. C. M. de Sintra.